



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Gostar do futuro

Maria Emília Madeira Santos

Como Citar | How to Cite

Santos, Maria Emília Madeira. 2002. «Gostar do futuro». *Anais de História de Além-Mar* III: 513-514.
<https://doi.org/10.57759/aham2002.47008>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

GOSTAR DO FUTURO

Conhecemo-nos na idade dourada dos 18 anos, idade de todos os sonhos. É quando tudo ainda pode vir a acontecer. É num dia poder optar por uma vida lisa, tranquila, e no outro preferirmos uma existência turbulenta, apaixonada, com altos e baixos, acabando sempre num final feliz ou, por que não, imaginando-nos imolados a um ideal. Constituíamos o curso de História de 1959-1964 da Faculdade de Letras de Lisboa. Éramos 60 alunos no primeiro ano e, passados cinco anos, defendemos tese menos de uma dúzia. Não sei definir se estou a lembrar o primeiro ou o último ano ou ainda se, a esta distância, apenas consigo lembrar os tempos de estudantes que vivemos juntos. Comecei pelo sonho, porque, na verdade, é o maior bem que possuímos nessa idade. E se até hoje não o tivermos perdido por completo, então tivemos a sorte de guardar a juventude, a capacidade de gostarmos do futuro. Se todos os colegas do curso tivessem sido convidados a depor neste livro de homenagem, iriam em uníssono recordar o aluno brilhante, o colega leal, o amigo disponível. Mas nessa idade cada um de nós não via nos outros, nem em si próprio, o que éramos naquele tempo presente. Víamo-nos em potência, sonhávamos o nosso futuro e o de todos os outros, mesmo sabendo que estávamos a construir quimeras. Por mim confesso que te adivinhava uma carreira universitária vitoriosa, até ao topo rápido e em força. Nada te poderia deter. Inteligência, memória, originalidade, criatividade, persistência, bom convívio, para não entrar nos domínios da ética, tornavam quase impossível prever contrariedades para aquele, hoje diríamos jovem, naquele tempo dizíamos rapazinho, louro, pele de pêssego, que a barba clara não ensombrava, mãos fofinhas, a contrastar com os olhos profundos, inquietos e firmes. Era aí, nessas pupilas que se tornavam quase negras, quando as fixavas no vazio para contrariar, reafirmar ou procurar o certo e repor a verdade, que poderia ter surgido a dúvida. No entanto para aquela boca sorridente sonhava-se mais que uma carreira brilhante, imaginava-se um rancho de filhos. Desculpa, Luís, desculpa! Mas a verdade é que, para dizer que davas explicações à porta dos exames, que sabias matemática e a usavas, sabias latim e o usavas, que as tuas notas atingiam o 18 porque em ciências humanas não se dá o 20, parece-me que estou a repetir o óbvio, o vulgar, o que qualquer um que não fosse teu Amigo há 43 anos, poderia contar ou ter ouvido contar e estar a reproduzir. Aqueles bolinhos de man-

teiga ou até mesmo os pãezinhos bem recheados que distribuías no anfiteatro I ao colega da esquerda e da direita, sem qualquer segundo sentido, esse repartir do pão pelos companheiros é apenas o lado visível de um outro repartir, da dádiva do saber que não vinha tanto do teu sorriso como do estudo, da meditação e da curiosidade por tudo, pelo todo. Que sorte tivemos com o escol de professores que nos calharam por desígnios insondáveis da fortuna! Nem pensar em referir nomes, embora quase todos tenham já desaparecido. A geração dobrou a página. Ensinavam-nos muito, sem dizerem o que estavam a ensinar. Estava a chegar a História Sócio-económica, e nós não sabíamos. A escola de etnologia portuguesa introduzia uma nova metodologia, na disciplina, e nós não sabíamos. Os professores liam e seguiam os *Annales*, e nós não sabíamos. As nossas teses de licenciatura foram elaboradas segundo metodologias modernas, com instrumentos de trabalho utilíssimos que ainda usamos hoje e se mantêm actualizados, e nós não sabíamos. Acabado o curso ficámos alguns anos afastados. Quando finalmente, na biblioteca do CEHCA, nos contámos um ao outro as nossas vidas, fiquei fascinada. Eu dedicava-me ao duro trabalho de pesquisa, sumariação e ideografia documental destinado ao ficheiro de História de África, o que era apenas um emprego. E tu tinhas estado em Paris, como diríamos hoje, a fazer uma pós-graduação. A metodologia explícita na universidade francesa ao serviço do teu saber acumulado e da memória invejável que possuías tinham feito de ti um jovem muito mais interessante. Não me lembro de ter sonhado nada para o teu futuro. O teu presente era já tão excitante, tão atractivo que dava vontade de ficar a soboreá-lo e nada mais. Agora já não era tempo de esperar o futuro, era tempo de viver o presente. Tu escolheste sempre o caminho mais árduo, mais raramente percorrido, mais invulgar e mais inesperado, mais livre, portanto, onde quem ditava as regras eras tu. Saberes canto gregoriano, línguas «exóticas», quando grelam as coves ou como funciona o motor do teu carro liberta-te perante o erudito e o «homem da rua». Mas também as instituições não eram poupadas, apenas me ocorre a Igreja como excepção. A Universidade, por exemplo, passava-te ao lado, sobejava-te, para não dizer que te era supérflua, embora te tivesses dedicado ao seu serviço de corpo e alma continuando sempre a repartição e a dádiva do saber. Hoje és um homem sábio que não se encaixa a nenhum modelo. És uma prova de resistência ao estabelecido, ao institucional e de amor à liberdade do pensamento e da opção de vida. Tu não precisas nem sequer de apelido, embora te assines sempre por completo. Quem poderia sonhar aos teus 18 anos que irias traçar um destino tão singular, tão fora das ambições da «fama» e da «glória», mas não destituído de vaidade – ou de auto-estima, como se diria hoje – no despojamento dos fumos do mundo, a par da consciência de que todos nós te admiramos e que mais dia, menos dia, todos precisamos de ti.

MARIA EMÍLIA MADEIRA SANTOS